



*Augusto de Lima Júnior*

*Anna Amélia*  
**POETISA DO BRASIL**

AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR

ANNA AMÉLIA  
POETISA DO BRASIL

Conferência realizada na Casa de Minas Gerais

em

26 de outubro de 1938

Publicada no *Mensário do Jornal do Comércio*

em

25 de dezembro de 1938.



Transcrita e ilustrada por

Luís Augusto de Lima

Nova Lima, julho de 2008.



Primeira e última página da conferência de Lima Junior, publicada no *Mensário de Jornal do Comércio*, dez. 1938.

Esta copia da conferência do  
Augusto de Lima Junior sobre  
a Mãe, eu ganhei hoje do Pai.  
e já a li toda. achei ótima.

Rio de Janeiro 15-I-88



Antigo Quartel dos Dragões D'El Rei em Cachoeira do Campo, óleo de Renato de Lima. Col. Luís Augusto de Lima

No final de um ano letivo do Colégio Salesiano de Cocheira do Campo, eu ia pela primeira vez a Belo Horizonte, para onde se mudara pouco antes, meu pai então diretor do Arquivo Público Mineiro.

O trenzinho de ferro que nos transportava percorria região que me não era familiar, pois que o cenário de minha infância só se dilatava até a antiga estação do Trino, no próprio ramal de Ouro Preto e daí, um pouco mais, em montanhosa légua e meia do velho casarão, antigo quartel dos Dragões d'El Rei, onde se instalava um colégio de D. Bosco. À sombra dos enegrecidos templos da velha cidade do ouro, galgando as ladeiras íngremes e tortuosas, metido naqueles vales tristes e brumosos, vendo como maior distância *O Itacolomy*, eu continuaria a ser, pelos tempos afora, o menino feliz da ponte do Rosário, se a separação determinada pela necessidade do colégio não me tivesse despertado do sonho e forçado a desenvolver a capacidade da observação, fortalecida pela necessidade de saber tudo quanto fosse possível.

Nessas primeiras férias, eu ia rever os meus, beijar minha mãe, dos quais me separavam oito meses de ausência. Enquanto habitavam Ouro Preto, consolava-me em olhar, do pátio externo do colégio, no recreio da tarde, para a Serra da Caieira que eu tinha como certo estar em direção a nossa casa, no começo da ladeira das Cabeças. Outras vezes, no silêncio do dormitório, o som longínquo do apito do trem ao transpor a garganta do Alto da Figueira era trazido pelo vento e eu pedia com o coração, àquele trem de ferro feliz que ia para Ouro Preto, que levasse minhas lembranças aos moradores de uma casa minha querida.



Vista de Ouro Preto com a Ponte do Rosário. A primeira casa à esquerda era a casa da família do autor.

Com a transmigração forçada para Belo Horizonte, o exílio colegial se tornara mais duro, tanto mais que ela se dera em minha ausência e eu ficara sem poder fixar na idéia o cenário íntimo onde se movessem os que me eram caros.



O casal Vera e Augusto de Lima à época da mudança para Belo Horizonte.

Como poderia eu acompanhar a vida em casa, hora por hora, como fazia antes? Pensava na mesa de trabalho de meu pai, com um lampião belga ao centro, minha mãe fazendo *crochet* e, balançando com o pé, um berço de vime onde se remexia choramingante e resmungão o romancista de *Casa de Saúde*.

Como é que o pintor Renato se arrumaria agora para, com sua carinha de anjo barroco, folhear livros de figuras e entornar os tinteiros do velho Augusto de Lima? Onde Zezé e Mercês arrumariam as casinhas das bonecas? As casas de Belo Horizonte teriam paióis para misteres necessários?



O “anjo barroco”, futuro pintor, Renato de Lima

Eu iria obter resposta a tais perguntas para mim tão transcendentais e enquanto o trem corria, agora na treva da noite, como rosto colado à vidraça do carro, procurava, inutilmente, ver alguma coisa de novo percurso ferroviário que eu fazia pela primeira vez. Subitamente, na escuridão completa, surgiu a meus olhos um clarão de fogo vivo que alumia o fundo do vale. O trem diminuiu a marcha e deteve-se numa plataforma estreita e mal iluminada por um lampião de *kerosene*. Eu não compreendia aquela chama colossal que não mudava de lugar. Não era uma queimada evidentemente. Seria então a Mãe do Ouro? Mas os fantasmas das lendas ibéricas trazidos pelos reinóis, seriam tão audaciosos que não respeitassem um trem de ferro, surgindo assim quase ao lado dele? A curiosidade venceu a timidez e interoguei meu pai, que conversava à janela com um cavalheiro. – “É um forno onde se fabrica ferro. É a quinta do Dr. Queiroz Junior”, respondeu-me ele.



Usina Esperança – Itabirito. In. *Minas Gerais no XXº Século* de Rodolpho Jacob.

De dentro do carro cumprimentei assombrado de admiração o homem fantástico que fabricava ferro naquela garganta da serra e que realizava despreocupadamente naquele recanto, um milagre que somente existira, até então, apara mim, na mitologia.

Passei a ter grande desprezo pelo Vulcano da fábula e uma grande admiração pelo que eu conhecera essa noite na penumbra de uma estaçãozinha da Central, trajando à mineira, com grande chapéu à cabeça e botas comuns. O que ele teve de especial foi o doce sorriso de simpatia com que saudou o colegial em férias. A localidade onde se detivera o comboio chamava-se Esperança e esse homem era o engenheiro Queiroz Junior, cujo nome já deveria estar fixado numa avenida da Capital de meu Estado, senão numa estátua que seria o símbolo da energia criadora, da tenacidade e da inteligência.



Dr. José Joaquim de Queiroz Junior.

Em minha memória ficara, o clarão vermelho do forno de Esperança como a primeira impressão violenta de minha vida e o nome de Queiroz Junior, nimbado de uma admiração profunda: ele era o homem que alumiava as noites do deserto fazendo ferro. A glória que eu reclamo para seu nome, com a simples autoridade de historiador de minha terra, já a pressentira o senso profético da poetisa sua filha num soneto que ainda há de ser gravado em ferro:

*Feriu-o rudemente a aspérrima batalha Do mundo, vai morrer, parece morto já:  
Mas o corpo sem vida uma alma ainda agasalha,  
Ainda fulgura o olhar que aos poucos morrerá.*

*Sofreu. Viu desfazer em pó, malha por malha,  
A alva tela do Ideal – oásis na terra má.  
Mas a obra que deixou – prêmio de quem trabalha*

*É o próprio mausoléu que o imortalizará.  
Sabe que vai morrer: não o amedronta a morte.  
O espírito sem jaça – a alma perfeita e forte,  
Deixa serenamente a forma transitória.*

*Mas lê-se em seu olhar moribundo e tristonho  
Que ele entrevê, sonhando o derradeiro sonho,  
A paz do Campo Santo e o tumulto da glória.*

\* \* \*

Perdoa que vos convocando para falar sobre uma poetisa, que é ao mesmo tempo um dos encantos da nossa vida metropolitana, eu vos arraste aos pedregosos vales de minha terra, fazendo-vos viajar num trem de bitola estreita, em companhia de um pobre colegial de Ouro Preto.

Mary Ann Evans, vossa familiar George Elliot, escreveu que: “Para ser humano, verdadeiramente humano, é necessário que a alma se enraíze profundamente em algum recanto da terra onde, jovem ainda, tenha adquirido um amor fraternal pela face da terra: um local onde as lembranças primeiras e vivazes se encontrem confundidas com uma afeição por tudo que nos rodeava então.”

Eu vos direi por que sou forçado a demorar-me nesse vale do ferro, nessa concha formada por uma depressão da serra de Itabira, à margem do rio que logo abaixo, depois de angustiosas corredeiras do Bem-te-vi toma o nome de rio das Velhas e figura nas mais nobres crônicas do ouro.

Não me estenderei, porém, em descrever-vos as moitas floridas de ipês, de jacarandás e de quaresmas que emolduram esse cenário grandioso que culmina no pico de Itabira, cercado de campos negros e vermelhos onde as arnicas salpicam de verde a aridez da paisagem.

Detende-vos um momento, na paisagem que cerca o alto forno de Esperança!

A casa do chefe, com sua larga varanda portuguesa engrinaldada por trepadeiras, as casinhas dos operários, com seus telhados vermelhos e no fundo a labareda que se não apaga nunca, dia e noite, derretendo os itabiritos e as hematitas.

Já tendes compreendido que nesse cenário nasceu espiritualmente um dos grandes estros do Brasil, uma das grandes figuras da Poesia em todos os tempos, a gloriosa cantora do Belo e do sentimento, aquela cujo nome pronuncio com respeito e admiração: Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

Falando daquelas serras, daqueles montes desnudos e negros, ela poderia repetir os versos de Cláudio Manoel da Costa, se não tivesse os seus próprios para dizê-lo:

Desses penhascos fez a natureza  
*O berço em que nasci: oh quem cuidara  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza.*

E ela própria havia de, junto à crepitação da labareda criadora, sentir o encanto agreste daquele ambiente onde a inspiração do meio pela lei eterna das afinidades eletivas, fá-la-ia cantar em 1911, num formoso soneto, a rude natureza desse vale histórico:

*Longe do mundo enfim. Minh'alma sonha e cuida  
Que a floresta em redor é uma esplendida igreja  
E esta sublime paz fez com nela eu veja*



*Como um vulto spectral a figura de um druida.*

*Cai do límpido céu a luz serena e fluida  
Do moribundo sol que os cimos inda alveja  
E, à tarde que abençoa a alma benfazeja,  
A alma sonha, feliz, e do mundo descuida.*

*Templo augusto e imortal do eterno panteísmo  
Floresta secular onde medito e cismo,  
Em ti venho gozar a paz espiritual.*

*Como um florido altar cada ramo floresce;  
Cada gorjeio de ave é uma espontânea prece,  
E no aroma da selva arde o imenso ritual.*

\* \* \*

Alguns anos depois daquela noite em que eu vira a labareda criadora do alto forno de Esperança, já bacharel formado, mostrava-me Mário de Lima, o saudoso porta morto, um livro de versos de Anna Amélia, cheio de entusiasmo.



Mário de Lima

- Mas que é Anna Amélia, perguntava eu, com a petulância clássica dos literatóides novinhos em folha.

- Essa menina aí de Esperança, filha do Dr. Queiroz Junior, o engenheiro que fabrica ferro. E recordei-me, então, de umas meninas que eu costumava ver na plataforma da estação, à passagem dos trens. Era uma delas a poetisa.

Esperança continuava sensacional! Li os versos no volume que Mário de Lima possuía com dedicatória e que me emprestara com mil recomendações, apelando para minha honradez que o restituísse.

Cumpri a palavra, o que em caso de livros raramente acontece, aliás.



Capa da primeira edição de *Esperança*. Paris: Garnier Frères, 1911 – Anna Amélia e Laura Margarida (Laly).

Ao comunicar ao velho Augusto de Lima a forte impressão da leitura, ele que já conhecia os versos de Anna Amélia, afirmou profeticamente:

- É uma grande poetisa!

Não necessitaria mais, nesta altura, citar-vos esses conceitos, pois a glorificação nacional já coroou de modo definitivo e irrevogável Anna Amélia, não com a consagração efêmera dos grupos de porta de livraria, nem dos corrilhos do elogio recíproco das sociedades literárias de auxílio mutuo, com que a mediocridade se defende, com o fingimento de uns e outros de se levarem, reciprocamente, a sério.

Sem cuidar disso, sem preocupar-se com a vaidade de ser ou não ser, sem pedir, sem provocar, sem disputar com ninguém, sem demolir ninguém, só exclusivamente com sua arte pura e integral, Anna Amélia conseguiu dentro de sua época, num país em que a inveja não respeita as coisas mais sagradas, nem vivos, nem mortos, onde a (ilegível) elevar-se no (ilegível) expressão máxima da poesia no Brasil, não só entre as figuras femininas que temos e de escol, mas inclusive as masculinas.

Anna Amélia nasceu no Rio de Janeiro. Lembrando, porém, que sua infância e parte da adolescência transcorreram em terra mineira, eu reivindico para Minas e incluo como serviço prestado por minha província à grandeza de nossa Pátria, a glória de ter inspirado os cantos da lira da poetisa do Brasil.

Foram os quadros agrestes e simples dessas montanhas de Minas, os primeiros e mais constantes inspiradores da alma contemplativa de Anna Amélia. São eles que lhe acodem ao estro e lhe desvendam os encantos sutis, muitas vezes ocultos aos que não receberam a centelha divina da poesia.

Onde terá a poetisa sentido toda a beleza do *Quadro brasileiro* senão talvez junto de Esperança, nessa poética vila de Nossa senhora da Boa Viagem da Itabira?

*Um canto de província. A velha vila,  
Desperta no cantar dos passarinhos,  
Ri pelas flores o seu riso agreste,  
Boceja ao sol nascente.  
A nevoa branca da montanha  
Esgarçou pelos píncaros vizinhos  
Sua gaze celeste.  
As folhas brilham na manhã tranqüila.  
Saltam crianças nas calçadas*

*À luz do sol que as banha  
Num longo banho de ouro;  
E com os braços das ruas, docemente,  
A velha vila abraça o seu tesouro.  
Os filhos de seu povo,  
Os filhos dessa rude gente  
Cujos avós, noutras manhãs douradas,  
Já brincaram assim, sob um sol sempre novo.  
A rua principal,  
Como todas as ruas do arraial  
Conduz nas suas pedras desiguais  
À igreja erguida ao fundo,  
A clássica igrejinha das aldeias,  
Onde um culto profundo  
Atrai as almas desse humilde mundo.  
De ambos os lados, toscas e feias,  
Antigas casas riem para a vida  
- Pobres mendigas remendadas –  
Pra as quais a manhã clara e florida  
É um lembrança revivida  
Dos velhos tempos ancestrais.  
Vão-se abrindo as janelas  
Preguiçosas, pesadas,  
Escuras, tristes, mal pintadas,  
E as cabeças que surgem dentro delas  
São cabeças humildes e singelas  
Deixando adivinhar mãos calosas e rudes  
E almas cobertas de virtudes.  
Na igreja agora canta o sino,  
Chamando à missa os fiéis.  
O orvalho matutino  
Cobriu de pedrarias e ouro fino  
A grama fina que atapeta o adro.  
A velha vila, como outrora, murmura as preces matinais;  
E completando o lindo quadro,  
O céu azul, mais claro agora,  
À luz do sol todo incendiado  
Tem a riqueza de colorido  
Dos azulejos coloniais.*





Anna Amélia - retrato á óleo coleção Márcia de Moura Castro.

Se duvidais, porém, de que o encantamento da poetisa seja efetivamente pelo panorama da minha terra e que eu esteja, artificialmente, forçando uma fixação espiritual da poetisa às encostas das minhas cordilheiras natais, eu trarei um explícito testemunho, fornecido pela própria artista, quando na *Harmonia das coisas e dos seres* exalta a *Terra Mineira*:

*Chego ao teu seio, terra de esmeralda,  
De olhos sedentos e alma ansiosa,  
Como quem busca a fonte milagrosa  
Da saúde e da alegria.  
Chego ao teu seio farto e verdejante  
Como quem vai buscar distante  
A fonte em que bebeu sonho e poesia  
E onde há muito não bebia.  
Amo-te, terra de esmeralda.  
Amo o teu sol fecundo e forte:  
Não o sol louro, decantado  
Pelos poetas do passado,  
Igual ao sol do mundo inteiro.  
Mas o sol moreno e brasileiro,  
Esse teu sol rude e selvagem  
Que espalha na folhagem  
As pepitas faiscantes do seu ouro,  
E corta a sombra das florestas  
Abrindo largas frestas  
Com as setas luminosas do seu arco.  
Amo-te, terra prodigiosa,  
Lendária e valorosa.  
Amo a tradicional e simples acolhida*

*Da tua gente boa.  
Quando daqui me vou, tudo em ti me convida  
A buscar-te de novo.  
Assim, de cada vez que te procuro ansiosa,  
Chego ao teu seio, terra de esmeralda,  
Sedenta do teu sol, saudosa do teu povo.*



Pico de Itabirito – óleos de Renato de Lima – Coleção Luís Augusto de Lima

\* \* \*

O Belo está no Universo e reside em todas as coisas visíveis e invisíveis. Ele é uma emanção de Deus e constitui a essência de tudo quanto existe. A questão é surpreendê-lo, compreendê-lo e traduzi-lo.

Essas três conquistas são o apanágio do filósofo, do santo e do artista. Por isso Nietzsche dizia que os filósofos, os artistas e os santos são os homens verdadeiros, os homens que se separam do animal.

Julgo que essas três manifestações da superioridade, que como a Trindade Divina, são aspectos de uma mesma sublimação, longe de se separarem, integram-se, mais ainda na natureza de eu elas serão quintessências, cúpulas, culminâncias, marcos no caminho da perfeição integral que é Deus.

Felizes os que assinalados com esse estigma de superioridade sabem compreender o sentido oculto das coisas, o mistério eterno e sempre novo dos complexos e que aparenta tanta simplicidade que chega a ser invisível.

São Francisco de Assis criou a estética da humildade e do sofrimento ao definir a alegria perfeita.

O artista é, pois, necessariamente filósofo e santo, porque surpreende, compreende e traduz o Belo oculto e o torna visível à humanidade de que ele participa, graças ao milagre da arte que é uma forma de santidade.

E é nessa faculdade criadora que está a semelhança do homem a Deus, conforme o texto bíblico.

No som, na luz, nas forças da natureza, na matéria viva, no sentimento e na idéia, onde quer que exista qualquer coisa, o artista encontrará com que saciar a sede estética, traduzindo pela arte o sentido divino dos mistérios.

É por isso que Ruskin nos mostra as relações estritas que ligam a arte à religião e nos demonstra que toda grande arte deve ser religiosa e que toda nobre religião terá que ser estética.

Cabe o primado da arte aos poetas, porque eles são simultaneamente filósofos, santos e artistas.

*Coeli enderaut gloria dei!* Exclama o salmista!

E porque a glória de Deus está em tudo que é Belo, que é santo, que é grande e que é nobre, é na poesia que reside a suprema forma da arte e todo o poeta, verdadeiramente poeta, é um ungido do Senhor.

Anna Amélia, poetisa do Brasil, teve essa predestinação desde as primeiras manhãs da adolescência, quando os poemas de *Esperança*, editado em 1911, inscreveram seu nome na plêiade de nossas mais altas figuras literárias. Foram seus novos livros dilatando-lhe o renome e formando-lhe a auréola que chegaria, por consenso unânime, à consagração esplêndida de poetisa do Brasil. *Alma*, em 1922; *Ansiedade*, em 1926 e *Harmonia das coisas e dos seres*, em 1936, formaram a constelação gloriosa, o patrimônio ideal indestrutível com que Anna Amélia assinalaria sua marcha triunfal pelos campos luminosos da poesia brasileira.



Anna Amélia, Rainha dos Estudantes, 1928. Entre os presentes, a primeira, de pé à esquerda da foto, é Lasinha Luís Carlos, prima do autor desta conferência. Paschoal Carlos Magno, de preto, aparece de pé à direita da homenageada.

E tudo isso ela conseguiu, suavemente, humanamente, vivendo a vida, como uma criatura normal, não necessitando mais que desenvolver a faculdade contemplativa e aplicado o misterioso dom de sentir a beleza das coisas e de traduzi-las aos demais.

A vida de Anna Amélia não fugiu ao padrão da felicidade calma e tranqüila, sem curvas de nível violentas, sem intercorrência de acontecimentos sensacionais que acarretando distúrbios sentimentais criariam as hipersensibilidades mórbidas que se transferem ao campo estético, provocando criações de arte.

Nem os recalcamientos, conforme é moda se dizer, surgem em sua vida, resultando sublimações. Nem o espírito aventureiro, com seus choques e explosões, perturbou-lhe a vida regrada e normal\*. Nem os sofrimentos morais a que estejamos sujeitos, o conhecimento das misérias humanas, o trato com as criaturas arrancam a esse temperamento de escol a serenidade e o ritmo peculiares às pessoas perfeitamente equilibradas. Nada disso.

Uma infância sorridente e feliz, uma adolescência florida de sonhos; uma mocidade radiante; a arte, o amor, a maternidade e a glória, a tempo certo, como a sabedoria divina distribuiu as estações do ano e as constelações no céu.

\* N. do E. Há controvérsias... Pelo que consta Anna Amélia não pensava duas vezes quando o assunto era vilegiaturas mais ou menos arriscadas: a pé, a cavalo, carro de boi, navio, zepelim, camelo, fordeco, bitola estreita ou o Orient Express... lá ia ela!

Venham, agora, os senhores críticos que classificam os poetas como os naturalistas o fazem com as plantas e os animais, exclamar que a desgraça e a loucura excitam a expansão dos gênios e por elas surgem as obras primas do engenho humano. Não seria triste absurdo nos frontais dos Hospitais de loucos as figuras de Athené e de Apolo?

\* \* \*

A menina que cantou as Esperanças sentiu as inquietações do amor, numa revivescência helênica, ante uma arena onde seu eleito pugnava como um herói antigo:

*Foi sob o céu azul ao louro sol de maio,  
Que um dia eu te encontrei, formoso como Apolo.  
E meu amor nasceu, num luminoso raio  
Como brota a semente à umidade do solo.*

Eis aí como o amor surge na vida da poetisa! Surge envolvendo meu ilustre e querido amigo, Marcos Carneiro de Mendonça, que é glorificado em esplendidos versos alexandrinos:



Anna Amélia e Marcos Carneiro de Mendonça.

*Qual belo vencedor de algum torneio atlético,  
Que Píndaro cantou nos fortes epinícios,  
Eu te encontrei de pé, com porte airoso e estético,  
Que se formava, então, nos ágeis exercícios.  
E o desportista apolíneo, em plena arena, foi ferido irremediavelmente!  
Desde então sua vida absorvia-se no sonho e na galanteria; transformara-se-lhe a  
personalidade num grego de Atenas, disputando torneios para que a doce amada o  
aplaudisse, ela que se tornava o objetivo de sua existência, a inquietadora de suas horas, a  
doce tortura de seus dias!  
Vence torneios? Ganha troféus? Pois tem a quem entregá-los “o formoso mortal que aos  
deuses fez ciúmes”...  
E a figura helênica dos sonhos de Marcos recebe a medalha que ele conquistou, cantando:  
Como o guerreiro grego, após uma vitória,  
Trazia a bem amada a coroa de louro,  
Tu me vieste trazer essa medalha de ouro,*

*Símbolo de (ilegível) que aureola a sua glória.  
Como em lendas gentis que narra a antiga história,  
M'a depuseste aos pés, jovem atleta louro;  
E nela eu vi brilhar qual fulgido tesouro,  
Gravado o nome teu como em minha memória.*

*Agora, o teu laurel que guardo com vaidade,  
Repousa no meu peito ao palpitar ritmado  
De um coração vencido e que ama o vencedor.*

*Pois tu que, forte e audaz, na luta o conquistaste,  
Vencido por vontade a meus pés o lançaste,  
Para glorificar a vitória do amor.*

Como eu sinto a abertura do tempo que me priva e a vós todos de acompanharmos esse idílio entre o Apolo atleta e historiador e sua Musa extraordinária.

E como habilita uma época e eleva uma geração esse amor humano espiritualizado pela poesia, pelo sentimento e pela perenidade!

Quando o Senhor mandou Jonas destruir Nínive, ficou ressalvado que a cidade seria poupada se lá encontrasse, o profeta, alguns justos.

Estamos garantidos no Rio de Janeiro.

Se a palavra amor estiver sendo maltratada pelas mil formas de contrafação que para ele encontrou a materialidade contemporânea, e se Deus mandar alguns Jonas investigar sobre nossas maldades, não temais! Estamos salvos!

Ainda moram no Rio de Janeiro alguns justos. A poetisa e seu esposo aí estão. Quanto aos demais... a modéstia nos obriga ao silêncio...

\* \* \*



Anna Amélia e seus filhos Juko (José Joaquim), Heliadora e Márcia. Casa da Rua Marquês de Abrantes, Rio de Janeiro.



Esposa e mãe, a poetisa vive humanamente a envolve sua existência e a dos que a cercam numa iluminada atmosfera de sonhos e de poesia, na mais perene espiritualidade. É na santidade do lar feliz que a musa de *Alma* encontra motivos para os poemas da maternidade, derramando versos e carinhos sobre os braços onde novas vidas repontam no ciclo eterno *ad majorem Dei gloriam*.

*Tomo entre minhas mãos tua cabeça  
Filho querido  
E esqueço tudo mais.  
Quem há que não esqueça  
O mundo, as coisas vãs, convencionais,  
Tendo entre as duas mãos, a cabeça querida  
De um filho que nasceu da nossa vida?  
Cerro os olhos e penso na grandeza  
Que esse pequeno cérebro resume  
Espírito em botão que hoje presume  
Ser o centro de toda vida humana,  
De toda natureza  
Que pra lhe sorrir, de flores se engalana.  
Uma cabeça de criança  
Que encontra a providência  
Como um Deus tutelar no carinho dos pais,  
E cuja enorme ciência  
E contar até dez e dizer as vogais.  
(ilegível)....porém essa cabeça frágil  
Que conhece (ilegível) as imagens e as cores*

*Será como um vulcão de pensamentos vários  
Vibrará no esplendor de auroras interiores,  
Conhecerá sonhos e dores,  
Abrangerá sutil, indefinível, ágil,  
Todas as sensações em surtos tumultuários.  
Só quem é mãe pode saber esta emoção  
Íntima e original.  
De sentir entra as aos, no ser que acaricia  
O fruto do seu ser, hoje e aurora e poesia,  
Que há de ser algum dia  
Vida em plena expansão,  
Ma força vibrar na vida universal.  
E eu sonho e acaricio o teu cabelo fino,  
Em êxtase profundo,  
Sentindo ter nas mãos, num globo pequenino,  
A síntese do mundo.*

A personalidade da poetisa se desdobra em mil atividades sociais beneméritas, enquanto a seus carinhos a família cresce-lhe em volta.

E tanto mais o êxito, e tanto mais a felicidade, envolvem sua vida privilegiada, mais Anna Amélia apura a bondade, a simplicidade encantadora de eu trato.

Nunca o sorriso terrível com que zombamos das deidades fabricadas pelas costureiras e pelos azares das posições sociais, dessas pobres armações de pano e madeira, magníficos

exemplares da cerâmica divina, pôde se esboçar ante o nome e a personalidade da ilustre mulher símbolo, essa admirável senhora Anna Amélia, poetisa do Brasil.

Onde uma criatura de sensibilidade moral embotada pela inépcia intelectual, passaria cega de despreocupação, ou jogaria triunfalmente um níquel, com a certeza de ter desempenhado uma tarefa de alto alcance social, a poetisa detém-se e sofre com a miséria alheia, arrancando do fundo d'alma um poema que é um protesto que todas as consciências puras endossam como seu:

*Há dias ao passar por uma rua  
Encontrei, por acaso, uma mulher,  
Uma infeliz qualquer,  
Levando pela mão uma criança nua.  
Eu andava com pressa, vagamente,  
Por essa tarde fria:  
Tinha um vestido quente,  
Luvas espessas e trazia  
Por sobre os ombros, negligente,  
- Desnecessária, por vaidade, enfim,  
Uma pele forrada de cetim -.  
Vendo esse grupo estranho de miséria,  
- A mãe esfarrapada,  
Tendo no olhar de transparência etérea,  
Todo um romance de desgraça;  
E a criancinha delicada,  
Que na rude nudez só ganha em graça,  
Ma que treme de frio -,  
Senti um íntimo arrepio,  
Uma verginha singular,  
De não ter frio,  
Por essa tarde fria de cortar.*

\* \* \*

O respeito, a estima, a admiração por sua bondade e seu talento, consagraram-na como privilegiada expressão do amor feliz do coração generoso, do estro inspirado.

Ela passa pela vida sentindo a beleza eterna e cantando a felicidade: e todos nós sentimos em seus versos essa beleza das coisas e dos sentimentos!

Duas mulheres brasileiras ficarão em nossa história como figuras culminantes: Marília de Dirceu e Anna Amélia.



Marília de Dirceu. Desenho de Seth para o livro *O Amor infeliz de Marília de Dirceu*, de Augusto de Lima Junior.

A primeira é a formosura silenciosa e triste, glorificada pelo amante desgraçado, que emudece, também, no degredo do Oceano Indico e cujas bodas místicas se realizaram na morte, a 12 de julho do corrente ano, cento e quarenta anos depois da sua separação, na trágica alvorada de maio de 1789. Marília será sempre a musa da angustia e da tristeza e da saudade sem remédio.

Anna Amélia, poetisa do Brasil, é a reparação que a Providência Divina fez à mulher brasileira. Ela é a beleza que canta a felicidade e o amor sob todas suas formas, que realiza integralmente a ventura da mulher e do artista. Dir-se-ia que nela se verificou o avatar, não só de Marília, a beleza silenciosa e sofredora, mas também a paixão criadora do excelso Dirceu.

E Anna Amélia, poetisa do Brasil, há de cantar, por todos nós, a terra fantástica do Brasil e proclamar a verdade espiritual no Tema eterno:

*“Nesta palavra clara e indefinida  
Que contem toda a morte e toda a vida,  
E tudo encerra e tudo explica: - amor.”*

\* \* \*

Começamos esta noite iluminando nossa memória com a labareda do forno de Esperança onde o ferro das montanhas de Minas derretia-se liricamente para transubstanciar-se em riqueza para o Brasil.

A energia moral de Queiroz Junior que, principalmente, alimentava os clarões do vale do Itabira, transmitiu-se a seus descendentes.

Sua digna viúva, a Exma. Sra. D. Laura, cuja cabeça veneranda diviso entre as que me honram com sua atenção e a quem desejo render minhas especiais homenagens; suas filhas e seus genros continuaram a vontade do restaurador da siderurgia em nossos dias.



D. Laura Machado de Queiroz.

E o canto triunfal da vitória, foi o Poema de ferro com que Anna Amélia, poetisa do Brasil, filha do realizador de Esperança, fundiu os ritmos do trabalho fecundo que ecoa no côncavo da serra a cujos pés desliza o rio dos sonhos bandeirantes:

*Eu sonhei estes versos bárbaros  
Ao rude ritmo  
Das fortes máquinas,  
Escutando os rugidos ásperos  
Os silvos longos  
Dos motores rápidos.*

*Entendi o vibrar dos dinamos  
Mudando em força  
As correias plácidas  
Ouvi malhos, num fragor titânico  
Ferindo o ferro  
De sangue rúbido*

*Inspirei-me na visão esplendida  
Dos altos fornos  
Animais metálicos  
Que lançam fogo pelas bocas flâneas  
E se alimentam  
Do minério rígido*

*Por aqui entre as forças mágicas  
Que o homem ergue  
Da matéria examine,  
Foi aqui nesta escola rústica  
Em que o trabalho  
Prende o corpo e o espírito  
Que eu revi minha infância ingênua  
Aquela vida  
De beleza imácula  
Eu corria sob o influxo másculo  
Do forte exemplo  
De um obreiro enérgico.*

*Desde então eu amei as máquinas,  
Os rudes ritmos  
Dos motores rápidos.  
E revendo esta luta intérmina  
Senti nos nervos  
Estes versos bárbaros.*

Minhas senhoras!

Bárbaro fui eu, pobre misonéista, que se supôs capaz de vos dar uma idéia da obra artística de Anna Amélia e que mal pôde balbuciar-lhe os poemas sonoros que ficarão cantando em vossas memórias e farão, felizmente, esquecer as trôpegas frases que entre eles intercalei.

*“Mustosque melius est non vovere, quam post  
votum promissa non reddere”*

(Ecl. Cap. V – n 3)



Augusto de Lima Junior entre sua esposa, D. Dozinha (Theodozia de Castro Cerqueira – prima e irmã de criação de Raymundo Castro Maia) e a poetisa Anna Amélia. Foto tirada no Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto, em 1933. Antigo Arquivo do Dr. Vicente Racioppi. Coleção Márcia de Moura Castro.

